

A adesão ao modelo da globalização hegemônica (Santos, 2000), enquanto processo político-cultural e econômico, que surge no cenário mundial como a terra prometida para o crescimento econômico e o caminho para um suposto diálogo entre as culturas, na prática mostra-se inexistente e legitimador do que parece ser um processo sem retorno. No seio desse processo, as formas culturais e representações não-hegemônicas ficam “segregadas”, relegadas à condição de localismos a serem “superados” por uma “cultura global”, uma cultura despersonalizada, desterritorializada e efêmera – na qual a troca e o entendimento têm por finalidade o mercado econômico global e o atendimento às suas necessidades.

Ao discutir as relações culturais sob a sombra dessa lógica mercadológica, centrada nos parâmetros da economia mundial, Canclini (2003), indaga o que seria possível fazer diante de um futuro e um projeto de mundo em que se atribui ao *capitalismo [ser] o único modelo possível para interação entre os homens e a globalização sua etapa superior e inevitável* (p. 08).

Os processos políticos e culturais que vivenciamos na contemporaneidade tendem ao não reconhecimento ou reconhecimento negativo das especificidades das diferentes culturas em nome da expansão do mercado global. Nesse contexto, as fronteiras da diferença tendem a valorizar o ocidente enquanto representante fiel do capitalismo global. Assim, a globalização cultural torna-se um dos modos de buscar garantir esse novo modelo ou essa “nova ordem”, em que as diferenças culturais são consideradas seqüelas de um tempo a superar, desigualdade entre o certo e moderno e os equívocos da pré-modernidade, a substituir pelo suposto cosmopolitismo da cultura ocidental burguesa. Daí se depreende que as identidades culturais locais não têm como sair imunes ao sistema.

A impotência presumida da ação dos sujeitos diante de um cenário no qual o descentramento do global despotencializa o seu poder, posto que não é possível lutar contra algo ou alguém especificamente, seria mais um fator para considerar infértil o atual contexto mundial para produção de subjetividades emancipatórias nos contextos culturais periféricos. Porém, a interferência das pessoas e de suas redes de subjetividades culturalmente tecidas na constituição do real vivido, também é real. Diz o mesmo Canclini (p. 58), *incluir o papel das pessoas e, portanto, a dimensão cultural da globalização permite considerar três aspectos aos quais voltaremos: o drama, a responsabilidade e a possibilidade de mudar o mundo.*

Os processos de produção de subjetividades, que ocorrem nas dimensões do local e se vinculam às suas especificidades culturais, não se demarcam unicamente pelos mecanismos de dominação. Por isso, permitem pensar em construções sociais mais emancipatórias que apontam para um movimento de superação das lógicas sobre as quais se construíram os modelos e conceitos que nos servem como referência para ler e discursar o mundo. É necessário para isso tecer conceitos que dialoguem com sentidos que busquem as interfaces no lugar das sínteses.

Ou seja, em lugar de pensar na constituição de uma verdade única a partir dos seus diferentes elementos constitutivos, vamos considerar, a partir dessa reflexão, que as diferenças se articulam e que, com isso, constituem a riqueza do mundo em sua irreduzível multiplicidade. O local, nessa perspectiva, ganha uma dimensão diferenciada, por *novos mapas*, que não se compreende por meio da oposição local x global. Exatamente por isso, nos permite, também, pensar de modo menos fatalista os mecanismos de subjetivação dos processos hegemônicos.

Sobre o (a) autor (a):

Doutoranda no Proped/UERJ e membro do grupo de pesquisa “Redes de conhecimentos e práticas emancipatórias no cotidiano escolar”.

Referências bibliográficas (ou textuais):sobre o (a) autor (a):

- CANCLINI, N. *Cultura e política nos imaginários da globalização. In: A globalização imaginada. São Paulo: Iluminuras, 2003.*
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000.*
 - CANCLINI, N. *Cultura e política nos imaginários da globalização. In: A globalização imaginada. São Paulo: Iluminuras, 2003.*
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000.*